

Em sete décadas de jornalismo, Carlos Bastos conversou, entrevistou e conviveu com todos os personagens importantes da política e do jornalismo feitos no Rio Grande do Sul



reportagem cultural

O homem que estava lá

Márcio Pinheiro, especial para o JC

A referência, extremamente pessoal, nesse caso se faz necessária por uma curiosidade: se não fosse pelo entrevistado, o entrevistador não estaria aqui. Me explico: foi Carlos Bastos o responsável por apresentar minha mãe ao meu pai e, dessa maneira, permitir que - 63 anos depois - eu e ele pudéssemos estar frente a frente para essa conversa.

E que conversa! A poucos dias de completar 90 anos (no próximo dia 25 de julho), Carlos Henrique Esquivel Bastos, o mais completo e longo repórter político do Rio Grande do Sul, é uma usina de histórias. São centenas de relatos repletos de personagens (muitos deles históricos) quase sempre acompanhados por uma

análise sutil e bem-humorada.

A lamentar apenas a decisão dele - ainda em tempo de ser modificada - de não colocar tudo isso em livro. "Sou muito desorganizado, indisciplinado, sem capacidade de ordenar tudo o que vi e sei", justifica-se, ainda que para essa tarefa não faltem voluntários dispostos a reunir essas informações. "Vamos ver", responde ele deixando uma porta aberta.

Gaúcho de Passo Fundo, em Porto Alegre desde os 16 anos, Carlos Bastos é o mais jovem dos quatro filhos do casal formado por Brasileiro Araújo Bastos e pela argentina Rosa Esquivel Bastos. Casado com Ana Maria Goulart Lopes de Almeida - sobrinha do ex-presidente João Goulart - Bastos é pai de quatro filhos e avô de quatro netos.

O gosto pelo jornalismo é de infância. Em Passo Fundo, Bastos aprendeu a ler com os diários da cidade: o *Diário da Manhã*, de Túlio Fontoura, e *O Nacional* de Múcio de Castro, pai de Tarso de Castro, e também o vespertino *Diário da Tarde*, de Danilo Quadros. Já a partir de meados dos anos 1950, em Porto Alegre, onde começaria sua carreira, ele passaria por todas as redações - das que ainda existem às que se perderam pelas constantes modificações na imprensa.

Nessa atividade, ele conversou, entrevistou e conviveu com todos os personagens importantes da política feita no Estado nas últimas sete décadas: de João Goulart a Paulo Brossard, de Leonel Brizola a Nelson Marchezan, de Sinval Guazzelli a Ildo Meneghetti, para

ficar apenas entre os que já morreram. Com muitos dos que permanecem vivos (e ativos), ele ainda mantém contatos esporádicos, embora reconheça - como tantos entre seus pares da crônica - a decadência da representação política. "Profissionalmente é difícil compará-lo a outros colegas, por sua longevidade e pela sua proximidade com grandes figuras", destaca José Fogaça, ex-senador e ex-prefeito de Porto Alegre.

Ativo, com ótima agilidade mental, Carlos Bastos apenas se queixa dos limites físicos. Seu corpo não acompanha mais a cabeça, o que o impede de sair e de frequentar ambientes pelos quais sempre circulou, como redações, restaurantes, bares, reuniões políticas e jogos e reuniões do Conselho do seu clube, o Grêmio.

Conversar com Carlos Bastos é também reviver uma parte fundamental do jornalismo, aí incluídos nomes que tiveram alcance nacional, como os barões da imprensa Samuel Wainer, Breno Caldas e Maurício Sirotsky Sobrinho. "Minha turma está indo embora", resigna-se - ainda que lhe reste a companhia de velhos amigos como Flávio Tavares, Ivette Brandalise e Jayme Sirotsky, seu colega desde os bancos escolares em Passo Fundo - ao lembrar de velhos colegas, como Tarso de Castro, Lauro Schirmer, Fausto Wolff, Paulo Sant'Ana, Carlos Fehlberg, João Souza e Ibsen e Laila Pinheiro, o casal que foi apresentado por ele na redação da Última Hora, como está narrado no início do texto.

Leia mais na página central